

1

Nível de Atividade

• PRODUÇÃO INDUSTRIAL

Os resultados divulgados pelo IBGE para o mês de agosto registraram uma expansão da produção industrial em termos dessazonalizado, de 1,7%, após queda de 1,1% em julho. Com relação às categorias de uso, os resultados reforçam a perspectiva de que a produção industrial esteja se deslocando dos bens de consumo duráveis para os bens intermediários e de capital, pois apontam crescimento de 5,2% para os bens de capital e de 1,8% para os intermediários, e queda de 0,7% para os bens de consumo duráveis.

No acumulado de 12 meses, a trajetória é de queda nas taxas, principalmente em virtude da entrada na base de comparação do segundo semestre de 1996, que foi um período de forte expansão da produção industrial. Assim, a taxa da indústria geral passa de 6,8% até o segundo trimestre para 6,2% até julho e 5,8% até agosto. Todas as categorias de uso apresentam a mesma trajetória, com exceção dos bens de capital, cuja taxa sobe rapidamente, passando de 1,5% em junho para 2,8% em julho e 4% em agosto.

A estimativa da produção industrial para setembro pelo *Indicador IPEA*, após ajuste sazonal, aponta uma variação de apenas 0,2% para o índice da indústria geral, refletindo o comportamento dos indicadores utilizados na estimativa. Todos eles apresentaram taxas de crescimento inferiores às de agosto, em termos dessazonaliza-

dos, com a produção de papelão ondulado reduzindo-se (-1%) e a produção de aço bruto e o consumo aparente de óleo diesel ficando estáveis (+0,6% e +0,3%, respectivamente). O único indicador que manteve um crescimento mais expressivo foi a produção de autoveículos (+4,8%), embora bem abaixo dos 10,6% de agosto.

Na comparação com setembro do ano passado o *Indicador IPEA* registra uma variação de 5,5%, contra crescimento de 2,1% em agosto na mesma base de comparação. Entre as categorias de uso, destacam-se os bens de capital, com crescimento de 10,5%, e os bens intermediários, com +6,8%. Os bens de consumo duráveis apresentam queda de 1,5%, enquanto a produção dos não-duráveis cresce 0,9%.

Considerando o *Indicador IPEA* de setembro, a indústria teria crescido, no terceiro trimestre, 1% em termos dessazonalizados, sobre o resultado já bastante expressivo do segundo trimestre. Desagregando segundo as categorias de uso, destacam-se os setores de bens de capital, com +3,9%, e de bens intermediários, com +2,5%, enquanto os bens de consumo apresentam queda acentuada, de 7% para os duráveis e de 2,2% para os não-duráveis (Tabela 1.2).

No acumulado em 12 meses, quando considerada a estimativa do *Indicador IPEA* de setembro, continua sendo observada uma queda da taxa para a indústria geral (de 5,8% para 5,6%) e para quase todas as categorias de uso, com exceção mais uma vez para os bens de capital, cuja taxa sobe para 4,9% em setembro. Prossegue, portanto, o processo de convergência entre as taxas de variação das diversas categorias de uso, onde aquelas que vinham tendo maior crescimento desaceleram-se mais rapidamente (Tabela 1.1).

• PREVISÕES PARA A PRODUÇÃO INDUSTRIAL

Incorporando as estimativas do *Indicador IPEA* para setembro, nossas previsões apontam para o ano um crescimento da produção da indústria geral de 4,9%. Entre as categorias de uso, teria continuidade a tendência de equilíbrio entre as taxas de crescimento. O setor que atingiria maior taxa seria o de bens intermediários (+6%), enquanto os bens de capital e de consumo duráveis teriam taxas bastante próximas (4,6% e 4,7%, respectivamente). Já os bens de consumo não-duráveis cresceriam apenas 0,5% em 1997 (Tabela 1.1).

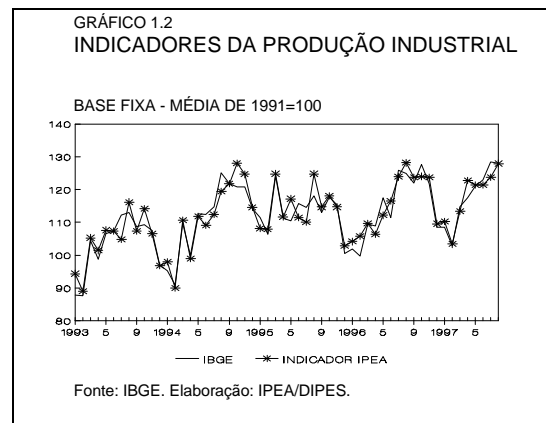
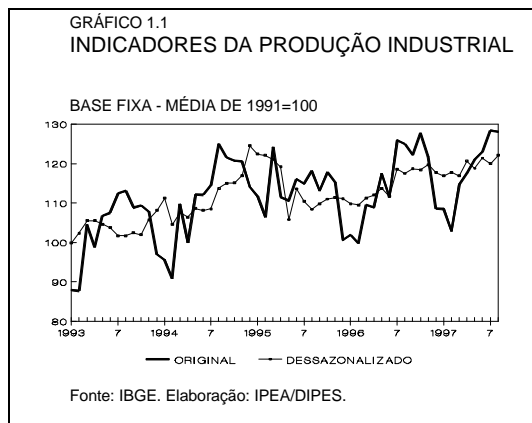
TABELA 1.1

PRODUÇÃO INDUSTRIAL

TAXA DE VARIAÇÃO ACUMULADA EM 12 MESES (%)

CLASSES DE INDÚSTRIAS	EFETIVA (1997)			PREVISTA (1997)	
	JUNHO	JULHO	AGOSTO	SETEMBRO	DEZEMBRO
Indústria Geral ^a	6,8	6,2	5,8	5,6	4,9
Extrativa Mineral	7,7	8,2	9,3	9,5	7,9
Indústria de Transformação ^a	6,8	6,0	5,5	5,2	4,5
CATEGORIAS DE USO					
Bens de Capital ^a	1,5	2,8	4,0	4,9	4,6
Bens Intermediários ^a	7,6	7,2	6,8	6,5	6,0
Bens de Consumo ^a	6,1	4,6	3,6	3,0	1,6
Duráveis ^a	16,3	13,0	11,3	9,5	4,7
Não-Duráveis ^a	3,2	2,2	1,4	1,0	0,5

Fonte: IBGE (PIM-PF). Previsões: IPEA/DIPES. ^a Em setembro/97, a série foi estimada com indicador IPEA.



Em termos de trajetória, observa-se, segundo esta projeção, um crescimento de 3,9% sobre o segundo semestre do ano passado e, considerando a série com ajuste sazonal, um aumento de 1,6% no quarto trimestre, em comparação com o trimestre anterior.

Entre as categorias de uso, na mesma base de comparação, a produção de bens de capital teria crescimento de 0,8% e os bens intermediários, de 1,3% (Tabela 1.2). Essas taxas, embora menores que as verificadas no terceiro trimestre, não configuram perda de dinamismo desses setores. Na verdade, representariam uma expansão sobre um nível de produção já bastante elevado. Na comparação com o último trimestre de 1996, esses setores teriam crescido 5,2% e 5,7%, respectivamente. Já os bens de consumo duráveis teriam comportamento diferente, revertendo no último trimestre a queda sofrida no terceiro, com expansão de 3,2% na série dessazonalizada, mas com um nível de produção ainda 1,3% inferior ao do quarto trimestre do ano passado.

• EVOLUÇÃO DO CONSUMO

Diferentes pesquisas sobre o comércio varejista em regiões metropolitanas (São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte) coincidem em apontar para um menor crescimento das vendas neste ano. Várias são as causas da relativa estagnação do consumo, destacando-se a elevação da inadimplência, a desaceleração das taxas de cres-

cimento do rendimento médio das pessoas ocupadas e da massa salarial, assim como o fim do ciclo de consumo de bens duráveis (especialmente eletroeletrônicos), que foi o motor de crescimento das vendas nos últimos três anos. Com este quadro, o comércio está cauteloso, retardando suas encomendas para fim do ano (que geralmente acontecem em outubro), e não acredita que o desempenho deste ano supere os resultados de 1996.

Dados da FCESP para setembro mostram um aumento do faturamento (3,6%), depois de terem registrado quedas sucessivas desde maio, destacando-se o excelente desempenho das concessionárias (+19,4%). Nos últimos 12 meses, o faturamento real cai (-3,1%), enquanto as vendas físicas registram um aumento de 2,9% (Tabela 1.4). Excluindo a excelente performance de automóveis, o resultado do faturamento do comércio seria pior (-5,4%). Situação similar mostra a pesquisa do IBGE para o comércio no Rio: até agosto, o faturamento caiu 7% e só as concessionárias de automóveis apresentam um resultado positivo (+6%). Em Belo Horizonte o comércio varejista aponta para uma queda de 2,6%, na taxa acumulada em 12 meses até agosto.

Já as vendas reais da indústria vêm registrando uma excelente *performance*, acumulando nos últimos 12 meses uma expansão de 10,3%, apesar do decréscimo em torno de 7% registrado em setembro pela CNI (Tabela 1.3). Esta entidade projeta um crescimento das vendas entre 8% e 9% para este ano.

TABELA 1.2

INDICADORES CONJUNTURAIS DA INDÚSTRIA: PRODUÇÃO FÍSICA (COM AJUSTE SAZONAL - VARIAÇÃO ENTRE TRIMESTRES)

PERÍODO	INDÚSTRIA GERAL	INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO	BENS DE CAPITAL	BENS INTERMEDIÁRIOS	BENS DE CONSUMO (TOTAL)	BENS DE CONSUMO DURÁVEIS	BENS DE CONSUMO NÃO-DURÁVEIS
1995.III	-2,83%	-4,52%	-13,66%	-1,87%	-1,95%	-4,90%	-0,49%
IV	1,51%	1,51%	-9,68%	2,68%	3,81%	2,57%	4,38%
1996.I	-0,85%	-1,18%	-0,20%	-1,37%	0,13%	1,89%	-0,99%
II	2,04%	2,39%	1,12%	2,27%	2,56%	3,93%	2,23%
III	5,18%	5,56%	3,12%	5,68%	3,30%	10,93%	1,93%
IV	0,24%	-0,21%	2,29%	0,32%	-0,94%	-0,62%	-1,06%
1997.I	-1,16%	-1,58%	-4,41%	-0,82%	-1,25%	0,70%	-2,57%
II	2,61%	2,90%	5,22%	2,26%	4,06%	2,34%	4,41%
III	0,99%	1,22%	3,88%	2,47%	-3,85%	-7,02%	-2,18%
IV	1,62%	1,58%	0,78%	1,26%	1,44%	3,18%	0,58%

Fonte: IBGE. Previsões: IPEA-Dipes.

TABELA 1.3
INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL
BASE: MÉDIA DE 1991 = 100

PERÍODO	INDÚSTRIA GERAL		INDICADOR DO NÍVEL DE ATIVIDADE		INDICADORES CNI VENDAS REAIS		
	BASE FIXA ORIGINAL	BASE FIXA DESSAZ.	BASE FIXA ORIGINAL ^a	BASE FIXA DESSAZ. ^a	BASE FIXA ORIGINAL ^b	BASE FIXA DESSAZ.	
1994	Janeiro	95,5	107,9	81,9	98,1	96,1	103,0
	Fevereiro	91,0	104,4	81,0	98,2	93,2	102,6
	Março	109,7	107,2	95,1	106,0	108,9	103,7
	Abril	99,9	105,7	84,9	101,4	94,3	98,0
	Maiο	112,1	108,2	95,6	102,3	107,7	105,9
	Junho	111,9	108,4	100,0	100,0	106,7	108,7
	Julho	114,3	109,0	105,3	99,9	111,4	111,0
	Agosto	124,7	114,1	118,8	109,4	128,8	122,9
	Setembro	121,3	115,4	117,5	112,7	130,0	125,9
	Outubro	120,9	115,4	116,7	109,7	131,9	123,8
	Novembro	120,9	117,1	114,8	118,0	133,6	128,6
	Dezembro	114,3	125,7	103,9	125,5	126,2	131,5
1995	Janeiro	111,7	122,8	100,9	121,1	122,6	131,4
	Fevereiro	106,5	122,1	97,9	119,2	117,1	128,9
	Março	124,2	121,2	113,2	125,6	143,0	136,2
	Abril	111,5	119,1	99,9	119,4	120,0	124,7
	Maiο	110,6	106,1	110,3	118,0	131,6	129,4
	Junho	116,1	112,9	112,3	112,8	125,2	127,5
	Julho	114,9	110,3	108,5	103,4	120,5	120,1
	Agosto	118,2	108,4	112,3	103,6	127,8	121,9
	Setembro	113,1	109,8	102,4	98,4	121,9	118,1
	Outubro	117,8	110,8	107,7	101,6	127,7	119,8
	Novembro	115,3	111,1	104,0	107,0	127,4	122,6
	Dezembro	100,6	111,5	89,3	105,9	114,9	119,7
1996	Janeiro	101,9	109,8	91,4	110,0	115,6	123,9
	Fevereiro	99,8	109,5	97,5	118,6	117,1	128,8
	Março	109,5	111,3	107,0	118,1	128,5	122,3
	Abril	108,9	112,0	105,5	125,1	127,3	132,3
	Maiο	117,5	113,7	114,4	121,5	137,9	135,6
	Junho	111,5	111,7	112,9	113,3	128,0	130,4
	Julho	125,9	118,6	126,1	120,7	140,3	139,8
	Agosto	125,0	117,5	127,2	117,6	139,8	133,3
	Setembro	122,2	118,7	125,0	120,6	139,5	135,1
	Outubro	127,7	118,4	125,8	119,1	146,0	136,9
	Novembro	121,8	119,7	119,3	122,8	143,3	138,0
	Dezembro	108,6	117,7	101,5	120,5	125,4	130,7
1997	Janeiro	108,5	116,9	101,6	122,0	129,8	139,2
	Fevereiro	102,8	117,8	101,8	123,5	125,0	137,5
	Março	114,7	116,9	111,8	122,6	139,2	132,5
	Abril	117,6	120,6	115,1	135,9	145,2	150,9
	Maiο	121,1	118,8	117,0	124,4	143,6	141,2
	Junho	123,0	121,4	126,9	127,8	148,0	150,8
	Julho	128,4	120,0	133,0	127,1	151,1	150,6
	Agosto	128,1	122,1	131,5	121,3	146,8	140,0

Fontes: IBGE e Fiesp. Elaboração: IPEA/DIPES. ^a Base: junho/94 = 100, ^b Base: média 92 = 100. Deflator: IPA/OG - Indústria de Transformação - FGV.

TABELA 1.4
COMÉRCIO VAREJISTA EM SÃO PAULO: ÍNDICES DE VENDAS FÍSICAS
SÉRIES DESSAZONALIZADAS - MÉDIA DE 1994 = 100

PERÍODO	CONSUMO GERAL		BENS DURÁVEIS		BENS SEMI-DURÁVEIS	BENS NÃO-DURÁVEIS
	TOTAL	EXCLUSIVE VEÍCULOS	VEÍCULOS	OUTROS		
1994 1ª Trimestre	97,1	97,3	97,8	81,9	100,3	106,9
2ª Trimestre	91,9	87,6	100,1	82,7	85,3	93,4
3ª Trimestre	102,4	103,6	99,5	111,4	102,1	97,7
4ª Trimestre	106,7	108,8	101,5	116,2	108,0	101,9
1995 1º Trimestre	113,2	112,4	113,2	118,8	117,3	108,4
2º Trimestre	114,2	113,9	111,7	117,2	129,5	112,3
3º Trimestre	109,5	108,8	109,1	108,8	125,1	111,8
4º Trimestre	108,2	106,4	108,0	108,6	124,1	107,4
1996 1ª Trimestre	106,5	109,8	96,0	122,2	125,8	104,6
2ª Trimestre	112,8	116,2	101,1	131,2	138,4	105,1
3ª Trimestre	116,3	118,6	109,5	134,9	151,5	103,9
4ª Trimestre	114,4	115,0	110,6	127,0	138,6	104,8
1997 1º Trimestre	117,8	113,8	119,9	134,3	140,1	99,2
2º Trimestre	118,4	119,5	106,6	149,3	148,4	94,4
3º Trimestre	106,0	109,7	113,3	116,1	135,9	101,3
1997 Janeiro	127,0	115,6	144,7	134,0	138,2	102,9
Fevereiro	112,2	110,7	111,6	131,3	136,2	95,5
Março	114,1	115,1	103,5	138,0	146,0	99,3
Abril	125,8	121,8	123,4	156,0	159,5	91,5
Maiο	116,4	123,1	95,9	153,4	140,5	97,9
Junho	113,0	113,6	100,4	138,5	145,2	93,8
Julho	108,0	109,1	98,7	128,1	144,8	94,7
Agosto	103,2	110,8	80,1	133,4	118,9	94,0
Setembro	107,0	109,8	98,1	131,6	118,3	89,7

Fonte: FCESP. Elaboração: IPEA/DIPES.

• PIB E INVESTIMENTO

Com a atualização dos modelos de previsão das principais atividades que compõem o PIB e o Indicador IPEA de setembro, estimamos que a economia cresça 4% este ano, resultado superior ao apresentado em nossa Carta de Conjuntura de setembro, em função de um maior crescimento calculado para a indústria geral. Com isto, estimamos que a renda per capita cresça 2,6% este ano, superando a barreira dos R\$ 5.000.

Conforme nossas projeções, os setores agropecuário e industrial lideram o crescimento neste ano (5,1% e 4,9%, respectivamente). Em particular, a construção civil registraria um aumento de 6,4%, corroborando as expectativas de crescimento deste setor, o que incidiria positivamente sobre a taxa de investimento. Os serviços apresentariam uma expansão mais moderada (+2,9%), mas o comércio (+5,2%) e os transportes (+4,9%) cresceriam mais que a média (Tabela 1.6). No que se refere ao comércio, vale notar que apesar do quadro pessimista das vendas ao varejo as perspectivas das vendas industriais são boas.

Na série dessazonalizada, depois do excelente resultado do segundo trimestre, em que a atividade econômica registrou uma expansão de 3,3%, estimamos um crescimento do PIB no terceiro trimestre de 1%, impulsionado

pela expansão na agropecuária (5,1%), pois a indústria e os serviços ficariam praticamente estáveis (-0,3% e +0,6%). Para o último trimestre, o PIB apresentaria estabilidade (+0,2%) (Tabela 1.5).

Segundo estimativas do GAC, o investimento mantém uma trajetória de crescimento desde o início do ano passado - com exceção de uma queda observada no primeiro trimestre de 1997 - e as perspectivas são de que seja mantida esta tendência. No terceiro trimestre a formação bruta de capital fixo (FBCF) apresentou um crescimento de 2,7% em relação ao período anterior, na série dessazonalizada, elevando a taxa de investimento para 16,9% no trimestre. Todos os componentes (com exceção das exportações de máquinas e equipamentos, que aumentaram 17,8%) contribuíram positivamente para a expansão da FBCF (Tabela VIII.4, na seção de Previsões).

Como é comentado no Panorama Conjuntural, nossa estimativa da taxa de investimento pode estar subestimada pela forma em que é medido o quantum das importações e exportações de bens de capital (valor em dólares deflacionado pelo IPA norte-americano para máquinas e equipamentos), assim como pelo fato de que a ponderação da composição da FBCF refere-se aos valores de 1980, o que não refletiria as mudanças estruturais que vem sofrendo a economia após o processo de abertura

comercial. Com isto, por exemplo, a crescente importância que vem tendo as máquinas importadas não seria medida adequadamente.

Nos últimos 12 meses até agosto, a produção de bens de capital cresceu 4% e a construção civil, 8,5%. As nossas previsões para este ano são de uma expansão de 4,6% e 6,4% para esses setores, respectivamente. Estes números são coerentes com as perspectivas de uma reativação do setor de bens de capital doméstico, assim como da construção civil, derivada do avanço no processo de privatizações, especialmente na área de telecomunicações e energia elétrica, e concessão de serviços públicos. Conjuntamente à expansão esperada no setor imobiliário, as expectativas no médio prazo são de níveis crescentes de investimento.

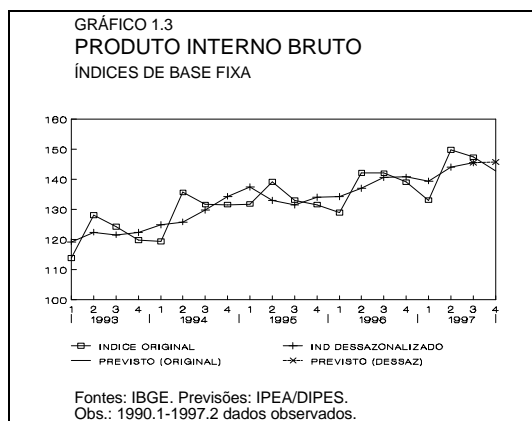


TABELA 1.5
PIB TRIMESTRAL: ÍNDICE DESSAZONALIZADO
VARIÇÃO ENTRE TRIMESTRES (%)

TRIMESTRE	PIB	AGROPECUÁRIA	INDÚSTRIA ^a	SERVIÇOS
1995.III	-1,4	-1,0	-4,0	0,7
IV	1,8	2,2	1,4	2,1
1996.I	0,5	-0,3	1,3	0,1
II	1,8	0,9	2,5	1,5
III	2,6	5,3	3,4	1,3
IV	-0,1	-0,7	0,4	-0,4
1997.I	-0,7	-0,8	-0,8	-0,6
II	3,3	2,5	4,1	2,9
III	1,0	5,1	-0,1	0,8
IV	0,2	-1,0	0,5	0,6

Fonte: IBGE. Previsões: IPEA/DIPES. ^a Segundo Indicador IPEA de setembro.

TABELA 1.6
PRODUTO INTERNO BRUTO E TAXA DE INVESTIMENTO
TAXA ACUMULADA EM QUATRO TRIMESTRES

SETORES	OBSERVADO						PREVISTO	
	MAR.96	JUN.96	SET.96	DEZ.96	MAR.97	JUN.97	SET.97	DEZ.97
Agropecuário	3,6	2,4	3,4	3,1	4,1	5,8	5,3	5,1
Indústria	10,7	-3,9	-1,0	2,5	5,8	7,3	5,9	4,9
Serviços	4,4	3,7	3,8	3,4	3,4	3,1	2,6	2,9
PIB Total	1,2	0,4	1,8	3,0	4,4	5,1	4,3	4,0
Taxa de Investimento (% do PIB)	16,2	16,0	16,2	16,5	16,6	16,6	16,7	

Fonte: IBGE. Previsões: IPEA/DIPES.